

Presidência
8 MAI 1989

NERTAN MACEDO



Limbo, céu e inferno

A sucessão presidencial está aí na ordem do dia e o que os columnistas andam reclamando é do fato de que algumas candidaturas parecem postas e outras promissoras, essenciais — insistem em não decolar. Na verdade, estão atarantados com o fenômeno Collor de Mello e anestesiados com os 30 anos das candidaturas de Jânio, Brizola, Ulysses, e com o terço desse período "scatituado" pela pretensa candidatura operária de Lula.

Para quem se desacostumou com o processo sucessório, nada mais estranho do que descobrir que, de repente, o Brasil pensa de modo nem tão maniqueísta como eles supunham, e que há espaço para o novo. Mesmo que, no caso de Collor, esta candidatura cheire a mofo, dada a antiguidade de métodos e conceitos do jovem governador de Alagoas. No último fim de semana, esse rosto novo das velhas oligarquias nordestinas, que chega agora com um discurso monócórdio, foi capa de Veja. Não se pode deixar de lembrar o largo sorriso e o cabelo louro contrastando com o vestido vermelho e o jeito de "já ganhou" de Sandra Caval-

canti nos idos de 1982, no mesmo veículo. Corria o mês de abril, a ex-deputada udenista era favorita disparada para as eleições fluminenses e o afinal ganhador Brizola não tinha mais do que 6% na cotação do Ibope: é presságio de pé-frio.

É definitivamente cedo para cantar vitória, e as festinhas antecipadas, mais breve do que se espera, virarão perplexidades e uma angustiosa tentativa dos pretenso especialistas de explicar a partir de que momento a eleição foi perdida.

Enquanto isso, outras candidaturas — igualmente novas, e, o que é melhor, modernas — surgirão e ocuparão seu devido espaço, até que o imponderável que sempre cerca algo tão importante apareça como o grande eleito. Já tivemos experiências recentes a respeito, e a eleição de Luiza Erundina deveu-se exatamente a esse tipo de imprevisível. Nesses termos, é lícito pensar, entre outras coisas, na alavancagem da candidatura Afif Domingos, se o competente postulante pelo Partido Liberal abandonar a postura comportada e fizer o que sabe como ninguém: denunciar a tirania do Estado sobre o cidadão e ajudar a tirá-lo definitivamente das costas dos combatidos brasileiros. No confronto com as outras faces das eleições presidenciais para 1989, ele e Collor são as novidades e Afif é, certamente, mais consistente.

Não deverá haver zebra além do 1º round do jogo presidencial, embora, como todos os brasileiros, torçamos evidentemente para que o elenco de políticos nacionais aproveite essa oportunidade de ouro para mudar de nomes. Chega do messianismo de Jânio Quadros, o farsante que, há cerca de 30 anos, em vez de programa nos trouxe uma vassoura e a deixou em nossos lombos para sempre. Chega da ardisosidade pessedista do velho Ulysses, que perdeu o bonde da História no momento em que não encerrou a carreira do PMDB na hora limite do início da transição. O papel estava cumprido e, se tivesse tido ali uma atitude de estadista, estaria talvez agora unanimemente convocado pela Nação, e não tão rejeitado como neste momento. Mas não se iludam: o velho guerreiro ainda está no páreo, para azar de todos nós, e vai dar trabalho.

Lula é outro cujo grevismo crônico prejudica, mas que, mercê da audácia dos que nada sabem, ainda vai acontecer e tumultuar a vida deste País às últimas consequências, até reconhecer que terá de aprender a conviver com o jogo democrático.

Brizola é o caso mais sério, até porque também está em campanha desde que veio ao mundo e sabe que tem no próximo pleito seu último cipó. O caudilho e suas brigadas fascistas serão capazes de mergulhar o País numa nova

aventura militar, se os fatos não corresponderem às suas expectativas. Nesse momento, organiza ciosamente suas hostes, para nos encher a paciência até que as convulsões, que freqüentemente caracterizaram eleições no Brasil, sejam superadas ou sequer se concretizem, como é sempre possível abaixo do Equador.

Enquanto isso, não há o que temer em matéria de "limbo político". O céu não teremos jamais a oportunidade de desfrutar, tal a falta de qualidade de nossas "elites" (?) políticas, econômicas e sociais. O inferno, já o vivemos todos, com uma inflação que bate os 1.000%, por mais que o governo manipule seus dados, invente choques e estrangule a Nação com sua conversa do "social". Mas, como diz um velho provérbio chinês, "nada do que nós aconteceu até agora é comparável com o que ainda vai acontecer". Ou ninguém notou ainda que Jânio chegou recauchutado com cara de Anthony Eden dos trópicos e já cooptou as organizações Globo com a sugestão do Conselho dos Macróbios? Nessa ordem, dentro de alguns poucos meses, Collor & Cia se sentirão meninos perdidos no jogo duro dos raposões políticos que há décadas fazem campanha e matam a oportunidade do Brasil virar Nação. Salvo se este País mudar muito, o que parece improvável.

Nertan Macedo é jornalista e escritor.